

Artigo

A literatura indígena na era do Antropoceno: práticas leitoras e formação crítica no ensino médio

Vera Lucia Kochen^{1, *}

1 Graduada em Letras – Português. Doutoranda em Ciências da Educação pela São Luís University. ORCID: 0009-0003-4664-4450. E-mail: verakochen@gmail.com

* Ator correspondente: verakochen@gmail.com

Abstract: This study investigates the role of Indigenous literature in promoting socio-environmental awareness in high school, through mediated reading practices in the classroom. The research, with a qualitative and exploratory approach, used poems by Indigenous author Márcia Wayna Kambeba to foster critical reflections on the Anthropocene and the human-nature relationship. The activities included reading circles, reflective journals, and student-created works, integrating literature, cultural identity, and sustainability. The results showed an increased interest among students in environmental issues, strengthened reading competence, and the ability to relate literary works to their local reality. The students' poetic and visual productions confirmed the potential of Indigenous literature to foster ecological sensitivity and appreciation of Indigenous cultures. It is concluded that the intentional and contextualized inclusion of this literary production in the school curriculum is an effective pedagogical strategy to integrate critical education, cultural appreciation, and environmental awareness.

Citation: Kochen, V. L. A literatura indígena na era do Antropoceno: práticas leitoras e formação crítica no ensino médio. *RBCA* 2025, 14, 3, p.82-93
<https://doi.org/10.47209/2317-5729.v.14.n.3.8818>

Editor de Seção: Kellyson Souza
Recebido: 15/08/2025
Aceito: 16/12/2025
Publicado: 28/02/2026

Nota do editor: A RBCA permanece neutra em relação às reivindicações jurisdicionais em sites publicados e afiliações institucionais.



Copyright: © 2025 pelos autores. Enviado para possível publicação em acesso aberto sob os termos e condições da licença Creative Commons Attribution (CC BY) (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>).

Keywords: Literary production; Anthropocene; Human vs. nature.

Resumo: Este estudo investiga o papel da literatura indígena na promoção da consciência socioambiental no Ensino Médio, a partir de práticas leitoras mediadas em sala de aula. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, utilizou poemas da autora indígena Márcia Wayna Kambeba para fomentar reflexões críticas sobre o Antropoceno e a relação ser humano-natureza. As atividades incluíram círculos de leitura, diários reflexivos e produções autorais, articulando literatura, identidade cultural e sustentabilidade. Os resultados evidenciaram aumento do interesse dos estudantes pela temática ambiental, fortalecimento da competência leitora e capacidade de relacionar a obra literária à realidade local. As produções poéticas e visuais dos alunos confirmaram a potencialidade da literatura indígena para despertar sensibilidade ecológica e valorização das culturas originárias. Conclui-se que a inserção intencional e contextualizada dessa produção literária no currículo escolar constitui uma estratégia pedagógica eficaz para integrar formação crítica, valorização cultural e educação ambiental.

Palavras-chave: Produção literária; Antropoceno; Ser humano x natureza.

1. Introdução

A temática apresentada neste trabalho tem o intuito de contribuir para a discussão mais aprofundada sobre a relação do homem com o meio ambiente, buscando estabelecer uma conexão entre a literatura indígena e a era do Antropoceno. A transição do Holoceno para o Antropoceno e suas implicações para o equilíbrio planetário têm motivado

escritores a repensar e a representar, sob novas perspectivas, a relação entre a humanidade e o meio ambiente. Nesse cenário, autores como Ailton Krenak, Carola Saavedra e Timothy Morton oferecem contribuições significativas ao debate, ampliando a compreensão sobre o impacto humano nos ecossistemas e sobre a urgência de repensar práticas e valores civilizatórios.

Conforme delineado por Saavedra (2022), conhecida ficcionista brasileira, em recente produção envolvendo questões contemporâneas, intitulada *O mundo desdobrável: Ensaio para depois do fim*, o Antropoceno se refere a uma nova era geológica, caracterizada pela “incontestável capacidade humana de destruir o planeta e tudo o que há nele (incluindo a nós mesmos)” (Saavedra, 2022, p. 15). Trata-se de um período marcado por alterações profundas e irreversíveis nas condições de vida do planeta, ocasionadas diretamente pela ação do homem.

Em convergência, Morton (2023), filósofo e crítico literário atualmente dedicado às questões ecológicas contemporâneas, explica que o “Antropoceno é o nome dado ao período geológico em que as coisas feitas pelos humanos criaram uma camada na crosta da Terra: plásticos, concretos e nucleotídeos, por exemplo, formaram um estrato discreto e óbvio” (Morton, 2023, p. 48). Devido à falta de previsão do indivíduo, o futuro do planeta está ameaçado. Na visão do autor, isso ocorre porque “nunca acontece de as pessoas pensarem primeiro e agirem depois” (Morton, 2023, p. 24). As reflexões desses autores evidenciam que a responsabilidade pela atual crise ecológica recai, de forma inequívoca, sobre a humanidade.

É inquestionável o papel da literatura no contexto do Antropoceno, em especial a literatura indígena, uma vez esta que se consolida como um espaço privilegiado de expressão cultural, preservando e difundindo saberes, memórias e cosmologias que evidenciam a relação intrínseca entre os povos originários e a natureza. São narrativas que se contrapõem à lógica exploratória dominante, ressaltando práticas sustentáveis e modos de vida pautados na convivência harmônica com o meio ambiente. Como alerta Krenak (2020, p. 46), essa nova era “deveria soar como um alarme nas nossas cabeças”. Nesse sentido, a sala de aula é o melhor espaço para se desenvolver a temática.

Ao problematizar as relações entre seres humanos, território e ecossistema, a literatura indígena contemporânea se afirma como resistência cultural e meio de denúncia, evidenciando que a degradação ambiental ameaça não apenas a integridade dos biomas, mas também a continuidade histórica e cultural das comunidades originárias. É essencial inserir essas narrativas no espaço escolar, pois elas mobilizam experiências estéticas capazes de sensibilizar o leitor, ampliar sua consciência cidadã e aprofundar a compreensão da evolução da linguagem, contribuindo para a formação humana integral. Trata-se de uma produção literária que, ao transformar percepções e atribuir novos sentidos à existência, incide diretamente na construção social e ética do indivíduo; de acordo com Cosson (2021, p. 50), “a leitura literária conduz à indagação sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade”.

Sob essa perspectiva, a literatura ocupa posição central na formação do leitor, configurando-se como um recurso privilegiado para ampliar horizontes culturais, fomentar a criticidade e promover o contato com distintas realidades sociais e históricas. No contexto escolar, o trabalho com a literatura indígena assume relevância singular, pois não apenas contribui para o reconhecimento e valorização das culturas originárias, mas também instaura um espaço de diálogo sobre questões ambientais, históricas e identitárias. Conforme argumenta Cosson (2021), a aproximação entre o universo do texto e a vivência do aluno potencializa a recepção da obra e fortalece a experiência leitora. Assim, a escola necessita diversificar a oferta de literatura, como posto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018):

Diversificar, ao longo do Ensino Médio, produções das culturas juvenis contemporâneas (slams, vídeos de diferentes tipos, playlists comentadas, raps e outros gêneros musicais etc.),

minicontos, nanocontos, best-sellers, literaturas juvenis brasileira e estrangeira, incluindo entre elas a literatura africana de língua portuguesa, a afro-brasileira, a latino-americana etc., obras da tradição popular (versos, cordéis, cirandas, canções em geral, contos folclóricos de matrizes europeias, africanas, indígenas etc.) que possam aproximar os estudantes de culturas que subjazem na formação identitária de grupos de diferentes regiões do Brasil (Brasil, 2018, p. 524).

Despertar nos estudantes o gosto pela literatura depende muito da mediação do professor, que, como facilitador do encontro entre o estudante e a obra, precisa criar condições para que a experiência literária seja significativa e formativa. Mais do que apresentar o texto, o mediador conduz reflexões, contextualiza a produção literária e estimula interpretações diversas, favorecendo o diálogo entre a leitura e o universo sociocultural dos alunos. Ao articular estratégias de leitura que valorizam a escuta, a troca de ideias e a pluralidade de sentidos, o professor contribui para transformar o ato de ler em um processo ativo e emancipador, que ultrapassa a mera decodificação e alcança a formação integral do sujeito. A esse respeito, Petit (2013) considera que:

[...] cabe aos professores conduzir os alunos a uma maior familiaridade, a uma maior desenvoltura na abordagem dos textos escritos. E fazê-los sentir que a necessidade do relato constitui nossa especificidade humana, e que desde o início dos tempos os seres humanos têm narrado e escrito histórias que são transmitidas de uns para os outros (Petit, 2013, p. 61).

A formação do leitor é uma responsabilidade compartilhada entre o professor e a instituição escolar, uma vez que ambos desempenham papel fundamental no desenvolvimento das competências leitoras e no estímulo à apreciação literária. Conforme assinala Petit (2013), a leitura pode ser compreendida como um “território de refugiados”, capaz de oferecer ao jovem um espaço de acolhimento simbólico e fortalecimento enquanto cidadão. Nessa perspectiva, a presença da literatura no contexto escolar não se configura apenas como um recurso pedagógico, mas como um direito essencial, assegurando aos estudantes o acesso à fabulação e à fruição estética proporcionadas pela arte literária.

2. Materiais e Métodos

No presente estudo, optou-se por uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, voltada a compreender como a literatura indígena pode contribuir para a formação do leitor no Ensino Médio, especialmente ao promover reflexões sobre questões ambientais, históricas e identitárias no contexto do Antropoceno. Essa escolha metodológica decorre da necessidade de aprofundar a compreensão da relação dos povos originários com o meio ambiente, marcada por práticas de convivência harmônica e respeito à natureza.

Ao tomar as narrativas indígenas como objeto de análise, busca-se ressaltar a relevância da representatividade literária no currículo escolar, favorecendo a construção de identidades e o enriquecimento do repertório cultural dos estudantes. A pesquisa qualitativa, nesse cenário, possibilita interpretar os dados de forma sensível e aprofundada, apreendendo significados, percepções e sutilezas presentes na interação entre texto, leitor e contexto educativo. Como afirmam Prodanov e Freitas (2013, p. 70), na pesquisa qualitativa “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

Para a presente análise, desenvolveu-se uma prática leitora em uma sala de aula do Ensino Médio, a partir de poemas da escritora indígena Márcia Kambeba (2020), cujas produções dialogam diretamente com o Antropoceno e as transformações impostas pelo ser humano. Essas obras não se limitam à denúncia dos impactos ambientais, mas propõem estratégias de adaptação e valorização dos saberes tradicionais, reafirmando a importância de repensar coletivamente o papel humano no planeta. O intuito é trabalhar

a leitura da poesia de maneira frutiva e prazerosa, como sugerido por Cosson (2021), baseado nos círculos de leitura e letramento literário.

Ao relacionar literatura e questões socioambientais, possibilita-se que os estudantes reflitam criticamente sobre mudanças climáticas, degradação ambiental e justiça social, ampliando sua consciência e incentivando atitudes mais sustentáveis. Nesse contexto, a leitura literária se torna não apenas um exercício estético e intelectual, mas também um ato de resistência, como defende Petit (2013), possibilitando que o leitor vivencie experiências simbólicas capazes de transformar percepções e comportamentos.

A crise ambiental, social e cultural contemporânea revela um paradoxo, pois “sabemos o que fazer e não vamos conseguir tomar distância suficiente do mundo para enxergar exatamente como fazer” (Morton, 2023, p. 26). A exploração desordenada dos recursos naturais, sustentada por um modelo capitalista predatório, ignora a gravidade de seus impactos sobre o ecossistema. Nesse cenário, a literatura de escritores indígenas constitui não apenas representações artísticas, mas expressões de resistência cultural e de compromisso com a preservação das relações harmônicas entre seres humanos e natureza.

Na visão de Krenak (2020), a relação dos povos indígenas com a natureza é pautada pela interdependência e pela compreensão de que “todas as formas de vida estão intrinsecamente conectadas: Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo que eu consigo pensar é natureza” (Krenak, 2020, p. 17). Essa perspectiva confronta as narrativas hegemônicas responsáveis pela degradação ambiental, configurando a literatura indígena como espaço de resistência cultural e política que denuncia o extermínio dos povos originários. Morton (2023) reforça essa crítica ao reconhecer que a sociedade, especialmente a não indígena, tem contribuído para a extinção em massa, sem perceber a gravidade de suas ações. O autor afirma que:

Não temos prestado muita atenção, e essa falta de atenção vem acontecendo há cerca de doze mil anos, desde o início da agricultura, que um dia passou a exigir processos industriais para se perpetuar, e daí os combustíveis fósseis, e daí o aquecimento global, e daí a extinção em massa (Morton, 2023, p. 54).

Para o autor, no Antropoceno, é essencial compreender que nunca estivemos separados do mundo não humano, mas em constante conexão com ele. Nesse sentido, as produções literárias indígenas não apenas exaltam a natureza, mas evidenciam os danos resultantes da ação humana descontrolada, reafirmando a profunda vinculação entre cultura, território e meio ambiente. Nesse contexto, a seguir, apresenta-se a prática leitora.

2.1. A poesia de Kambeba e a relação com a natureza

A literatura indígena contemporânea, situada no contexto da produção literária amazônica, constitui-se como espaço de resistência e afirmação cultural. Conforme Candido (2004), a literatura cumpre função humanizadora, reorganizando a experiência vivida e funcionando como instrumento crítico frente às injustiças sociais e ambientais. Nesse sentido, a escritora indígena Márcia Wayna Kambeba rompe com modelos narrativos tradicionais que, historicamente, retrataram a natureza como cenário passivo e denuncia que a natureza se configura também como território político e de disputa simbólica.

Márcia Wayna Kambeba também se destaca no cenário da literatura indígena ao propor uma reinterpretação da relação entre comunidades tradicionais e meio ambiente. Em suas produções, a autora evidencia não apenas as ameaças e dificuldades vividas pelos povos indígenas e ribeirinhos, mas também valoriza saberes ancestrais que sustentam uma convivência harmoniosa entre seres humanos e natureza. Para Kambeba (2020a), a literatura é instrumento de conscientização social e de descolonização, “é uma arte, é exercício diário e precisamos do olhar da palavra para adentrar na cidade,

chegando às escolas, Universidades, entrelaçando as mãos, juntos, descolonizando” (Kambeba, 2020a, p. 91).

Além de escritora, Kambeba é ativista e utiliza sua produção artística para compartilhar experiências, tradições e visões de mundo dos povos amazônicos, alcançando especialmente o público jovem. Além de reivindicar o espaço de fala para mulheres indígenas, a autora amplia sua voz para defender outras formas de resistência feminina. Em muitos de seus textos, o apelo ecológico é central, como no poema *Natureza em chama* (Kambeba, 2020b, p. 57), em que o tom é de denúncia frente à destruição ambiental. Em *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade*, a autora apresenta seus textos como:

[...] poemas descoloniais, que buscam ajudar as pessoas a compreenderem a importância de se conhecer e ajudar os povos, para que não sejam completamente dizimados em seu território do sagrado, em sua cultura, em sua ciência. Os povos indígenas, mesmo que de formas diferentes, mantêm o mesmo ideal, de conservar a cultura originária como herança ancestral. Sempre em contato com a natureza, da qual sentem-se parte integrante (Kambeba, 2020b, p. 11).

Como observa Petit (2019), a produção de Kambeba reafirma que a leitura literária pode ser espaço de encontro entre experiências distintas, ampliando horizontes e gerando empatia. A relação com o rio, a pesca e o misticismo amazônico compõem o universo de sua poética, que também assume caráter de denúncia ambiental, como em *Natureza em chama* - “o fogo ardente, ao longe se vê” (Kambeba, 2020b, p. 57) - o qual retrata a natureza sendo consumida pelo fogo.

Ao desconstruir visões romantizadas da Amazônia, a autora insere no debate do Antropoceno uma perspectiva que tensiona as relações entre modernidade, exploração e sustentabilidade. A presença dessas produções literárias no espaço escolar, conforme orienta a BNCC (Brasil, 2018), contribui para ampliar o repertório dos estudantes e fomentar um diálogo formativo em que leitura, identidade e consciência socioambiental se articulam. A incorporação dessas vozes ao currículo promove uma educação literária crítica, vinculada à realidade dos discentes e à urgência de repensar as interações entre sociedade e natureza.

Nos poemas de Kambeba, a dimensão estética se alia à força da resistência cultural, evidenciando a resiliência das comunidades indígenas diante das adversidades e reafirmando a importância da sabedoria ancestral para enfrentar as rápidas transformações do mundo contemporâneo. Nesse contexto, escritores indígenas inserem, no cenário literário, perspectivas singulares, que entrelaçam memória, território e identidade, revelando a complexa relação entre a Amazônia, sua biodiversidade e os povos que nela habitam. Ao registrar a história e o vínculo intrínseco com a natureza, essas produções se configuram como instrumentos de reafirmação de pertencimento, fortalecendo o diálogo entre tradição e atualidade. Nas palavras da autora,

A escrita indígena é uma forma de autoexpressão de uma resistência que se arrasta e de uma existência que se firma nos moldes de uma sociedade que venda os olhos para um aprendizado com os povos numa atitude recíproca de solidariedade, cuidado, respeito, onde nada é meu, senão que tudo é nosso. Ver a natureza como uma grande casa comum seria uma forma de iniciar um diálogo com a ideia que trazem os indígenas de bem viver (Kambeba, 2020a, p. 92).

A manutenção das narrativas, especialmente das tradições orais, se constitui como elemento fundamental para a preservação cultural dos povos indígenas, garantindo que suas memórias e conhecimentos não se percam ao longo do tempo. Como ressalta Kambeba (2020b, p. 10), “nas rodas de conversas ouvem-se narrativas contadas e recontadas pelos mais velhos com direito à repetição, para melhor assimilação e entendimento”. Assim, a literatura, mesmo quando enraizada em relatos orais anteriores à escrita e aos registros coloniais, atua como instrumento de salvaguarda da memória coletiva, perpetuando identidades e fortalecendo os vínculos entre gerações.

2.2. Prática leitora

Para o desenvolvimento da prática leitora, foram selecionados os poemas *Natureza em chama* e *Silêncio guerreiro*, ambos da autora indígena Márcia Wayna Kambeba. A escolha por estes textos se deu pelo fato de abordarem temáticas relacionadas à degradação do meio ambiente causada pelas ações do homem. A prática de leitura iniciou pelo poema *Natureza em chama*, cuja temática se alinha à realidade local, região norte, marcada por constantes queimadas, especialmente no período da seca. Adotou-se a estratégia de leitura proposta por Cosson (2021), primando-se pela interação do aluno com o texto de maneira fruitiva e não o ensino de literatura.

Inicialmente, os estudantes fizeram um círculo e, oralmente, foi apresentada a eles a biografia da autora, destacando-se sua atuação como ativista na defesa da preservação ambiental e das comunidades ribeirinhas. Em seguida, distribui-se aos estudantes a cópia do poema *Natureza em chama*, procedendo à leitura oral expressiva, a fim de garantir a expressividade e o ritmo. A análise partiu da concepção da própria autora, para quem “a poesia nas mãos do professor torna-se uma ferramenta didática a ser utilizada em sala de aula” (Kambeba, 2020, p. 41), capaz de informar e denunciar questões culturais e ambientais. No poema *Natureza em chama*, a autora não retrata a beleza da natureza e sim denuncia o pedido de socorro diante das atrocidades do ser humano:

Natureza em chama
Na terra sagrada
Que Tupã criou
Do seio materno
Se ouve o clamor
Da mãe Natureza
Sofrendo de dor.
O fogo ardente
Ao longe se vê
Queimando a mata
Sem quê, nem por quê
As folhas se torcem
Querendo viver.
No solo desnudo
Os restos mortais
Do verde da vida
E dos animais
Queimados, sofridos
Em cinzas reais
(Kambeba, 2020b, p. 57).

Como anunciado, o intuito dessa prática era provocar a reflexão dos estudantes a partir de uma leitura mais descontraída e fruitiva; então, foi realizada uma roda de conversa e o aluno poderia registrar suas observações em um diário de leitura, para serem organizadas posteriormente. Segundo Cosson (2021), isso facilita muito o trabalho com a literatura. Assim, conforme o professor fazia as indagações, os alunos registravam suas impressões no diário.

Para orientar as discussões, foram feitos questionamentos acerca da temática do poema, sua relação com a realidade local, questões ambientais, sons produzidos pelo ritmo dos versos, a relação do eu lírico com a natureza e que reflexões o poema provocava. A partir das discussões orais, os estudantes anotaram suas impressões e, posteriormente, foram convidados a produzir poemas ou desenhos que refletissem sua experiência a partir da leitura literária realizada.

No decorrer das discussões nas rodas de conversa, os estudantes destacaram a grande importância da natureza para o ser humano e quanta destruição o próprio homem vem causando. As queimadas, a morte de animais e o impacto ambiental foram

apontados como elementos que conectam o texto à realidade amazônica, sendo a repetição sonora associada à persistência da devastação. O encerramento incluiu socialização oral e exposição das produções, buscando criar um “espaço íntimo” de resistência e reflexão por meio da literatura, conforme defende Petit (2013).

A segunda prática leitora foi desenvolvida a partir do poema *Silêncio do guerreiro*, cuja temática, além de também relatar o pedido de socorro da natureza, trata de questões como a territorialidade indígena, os saberes passados pelos mais velhos, dentre outras. Os alunos foram dispostos em círculos, uma vez que, na visão de Cosson (2021, p. 159), “a discussão se desenvolve como uma conversa entre amigos ou familiares”, o que torna a leitura mais dinâmica e prazerosa. Após, realizou-se a leitura compartilhada do poema, garantindo-se a participação dos estudantes. Posteriormente, o professor mediador realizou a leitura expressiva, já que é na leitura oral que se percebe o ritmo e a musicalidade dos textos poéticos. Segue o poema analisado na prática de leitura:

Silêncio do guerreiro
No território indígena
O silêncio é sabedoria milenar
Aprendemos com os mais velhos
A ouvir, mais que falar.
No silêncio da minha flecha
Resisti, não fui vencido
Fiz do silêncio a minha arma
Pra lutar contra o inimigo.
Silenciar é preciso,
Pra ouvir com o coração,
A voz da natureza
O choro do nosso chão.
O canto da mãe d'água
Que na dança com o vento
Pede que a respeite
Pois é fonte de sustento.
É preciso silenciar
Para pensar na solução
De frear o homem branco
E defender o nosso lar
Fonte de vida e beleza
Para nós, para a nação!
(Kambebe, 2020b, p. 29).

A partir da leitura expressiva, ali mesmo, no círculo de leitura, os estudantes foram indagados sobre a importância dos povos indígenas para a nação, o grande respeito que demonstram pelos mais velhos. Sugeriu-se que fechassem os olhos e tentassem apenas ouvir o poema, buscando perceber que aclamação é retratada, qual a relação dos povos originários com a natureza, o que poderiam fazer para defender a terra de onde tiram seu sustento, se há relação entre o poema e acontecimentos na região, como acontece a resistência dos povos originários, como ajudá-los nessa luta. Enfim, foram apresentadas inúmeras indagações a partir dos poemas *Silêncio do guerreiro* e *Natureza em chama*.

Realizadas as discussões na roda de conversa, os estudantes foram instigados a representar livremente, em forma de desenhos ou poesias, o que puderam aprender sobre as discussões realizadas. O encerramento incluiu socialização oral e exposição das produções, buscando-se a criação de um espaço íntimo e reflexivo por meio da literatura (Petit, 2013). A seguir, apresentam-se os resultados da prática leitora.

3. Resultados

De acordo com Cosson (2021), a literatura constitui um dos meios mais eficazes para despertar o interesse e consolidar o hábito da leitura. Sob essa perspectiva, a inserção de textos de autoria indígena no contexto escolar se revela uma estratégia eficaz para despertar o interesse dos jovens pela leitura literária. O planejamento das práticas de

leitura buscou aprofundar o contato com obras que estabelecessem vínculos diretos entre o conteúdo e o universo cultural dos estudantes.

A leitura e a análise de poemas de autoria indígena não apenas promoveram a aproximação estética, mas também estimularam reflexões críticas sobre questões ambientais e sociais. Ao longo do processo, observou-se um crescimento significativo no interesse dos estudantes pela temática da preservação ambiental. Grande parte deles demonstrou capacidade de relacionar as problemáticas abordadas nos textos com situações concretas vivenciadas em seu cotidiano, evidenciando avanço na competência leitora e interpretativa. A experiência do texto literário que toque o indivíduo é defendida por Larrosa (2022) e Petit (2013); assim, na Figura 1, que retrata um trecho do diário de leitura de uma aluna, nota-se que os poemas trabalhados a tocaram e trouxeram à tona vivências e memórias familiares, confirmando a visão dos autores:

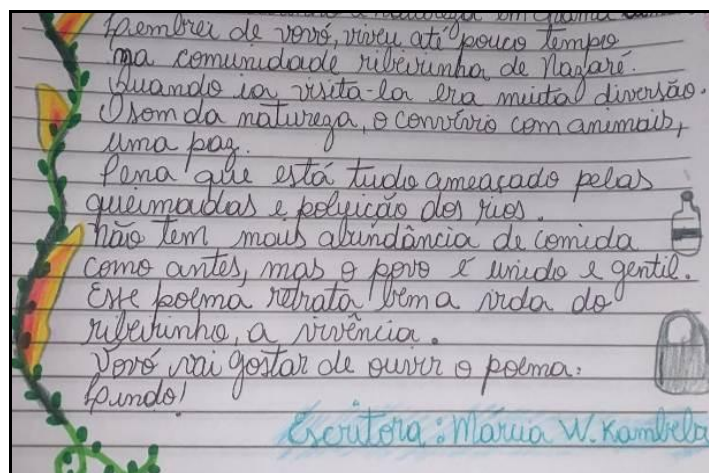


Figura 1. Trecho do diário de leitura de A.B.C. (2024). Fonte: Dados da pesquisa (2024).

É notório que a literatura provoca o resgate de memórias, ainda mais quando se trata de textos que se aproximam da realidade local. Nesse sentido, a análise dos poemas de Kambeba favoreceu o desenvolvimento do senso crítico, levando os alunos a manifestar indignação frente às condições adversas enfrentadas pelos povos indígenas e à degradação ambiental.

O trabalho com esses textos possibilitou o estabelecimento de conexões entre o conteúdo poético e experiências pessoais, fortalecendo a compreensão e a análise crítica. Essa vivência reforça a concepção de que a literatura é uma maneira de resistir às adversidades (Petit, 2013). A consciência crítica, despertada por meio da leitura dos textos, fica evidente nos trechos dos poemas produzidos a partir da prática leitora. A seguir, tem-se um trecho de um poema produzido por um estudante:

Amazônia
 Somos filhos teus
 Tua sombra nos refresca
 No meu sangue corre os teus rios
 Teu suor em minha testa
 Não entendo o porquê
 Olho para cima, só vejo cinzas
 Labaredas extinguindo tudo que há
 Deixando a natureza arrasada
 E como os povos indígenas
 Irão se sustentar?
 (Trecho do poema de E.C.B., 2024).

Em relação à experiência com a leitura, a estudante H.P.L. contribui com um relato poético que resgata memórias do convívio íntimo com a natureza, evidenciando a sensibilidade despertada pela obra lida:

Meu lar
Da janela de minha casa
Ouço o canto triste do passarinho
Que já não sabe mais
Onde construir seu ninho.
A mata que era inspiração
Já está quase toda no chão
De manhã não posso mais sentir
A gota de orvalho que caía.
A revoada de passarinhos
Não sabe mais onde construir seu ninho
O João-de-barro que fazia arte de sua morada
Agora não tem mais parada.
(Trecho do poema de H.P.L., 2024).

Quantas lembranças boas são necessárias para se construir um poema com tantos detalhes!? Só quem conviveu ou convive em meio à natureza é capaz de produzir um poema que abarque a harmonia da natureza. As produções poéticas e visuais elaboradas pelos estudantes confirmam o potencial da literatura indígena para gerar experiências de leitura significativas, capazes de promover consciência socioambiental.

Em relação ao poema *Natureza em chama*, os jovens relataram a angústia diante das queimadas e questionaram o papel do ser humano na preservação do ecossistema. Apontaram, ainda, a importância da denúncia social presente na poesia de Kambeba, reconhecendo a ligação entre o texto e o cenário local, marcado pela degradação ambiental. Desse modo, percebe-se que a produção poética da autora está de acordo com o pensamento de Larrosa (2022, p. 164): “Os poetas são os que se aventuram a dizer (a traduzir em palavras arbitrarias, incontrolláveis, atravessadas pela pluralidade) o que veem, o que sentem e o que pensam”. É justamente isso que a poesia de Kambeba oferece: uma postura crítica diante da realidade vivenciada.

Portanto, é incontestável que as temáticas que abordam temas sociais tendem a instigar o estudante a refletir sobre as atitudes dos seres humanos diante da natureza, como demonstrado nos desenhos produzidos pelos participantes do estudo a partir da prática de leitura e socializado com a turma, conforme ilustra a Figura 2:



Figura 2. Desenhos produzidos pelos estudantes. Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A partir da análise do trecho do poema, das imagens e diários dos estudantes, é perceptível que a leitura literária dos poemas de Márcia Kambeba trouxe recordações que provocaram reflexões acerca do papel do homem frente à problemática em relação à destruição do meio ambiente. A consciência de que a natureza é de suma importância para a vida no planeta e a angústia frente à sua destruição se apresentam, de maneira bem real, tanto no poema *Natureza em chama* quanto no *Silêncio do guerreiro*.

As percepções dos estudantes dialogam com a reflexão de Saavedra (2021) sobre a dimensão sagrada da palavra na tradição guarani, em que a linguagem poética é concebida como um canal de múltiplos significados e resistência cultural:

Para os Guarani, as palavras têm alma. [...] Como a literatura trabalha com pontos de fuga e se desdobra em inúmeros significados, se há uma linguagem divina, talvez ela seja exatamente isso que os Guarani já sabiam, essa linguagem metafórica, poética. A poesia nasce do sagrado (Saavedra, 2021, p. 40-41).

As imagens e poemas produzidos pelos estudantes revelam que a literatura - quando compartilhada, debatida e experienciada - contribui para a formação de leitores literários críticos, sensíveis e conscientes de seu papel social. Assim, a proposta vem ao encontro do que promulga a BNCC: “a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir” (Brasil, 2018, p. 499). Assim, aprofundar a leitura de textos literários em sala e aula é imprescindível.

4. Discussão

Os resultados obtidos confirmam a hipótese inicial de que a inserção da literatura indígena no contexto escolar, quando mediada de forma intencional e dialógica, é capaz de despertar o interesse dos estudantes e fomentar a consciência crítica acerca de questões socioambientais.

A experiência com os poemas *Natureza em chama* e *Silêncio do guerreiro*, de Márcia Wayna Kambeba, demonstrou que, ao estabelecer vínculos com a realidade local e com a vivência dos alunos, a leitura literária adquire potencial transformador, indo além da fruição estética, para se tornar instrumento de resistência cultural e de reflexão sobre o papel do ser humano no Antropoceno. Esses achados dialogam com Cosson (2021), que destaca o caráter formativo da leitura literária quando se conecta ao universo cultural do leitor e estimula interpretações plurais.

Ao promover rodas de conversa, diários de leitura e produções autorais, a prática investigada corroborou a perspectiva de Petit (2013) sobre a leitura como um “espaço íntimo”, capaz de acolher, mobilizar memórias e fortalecer identidades. Além disso, os dados reforçam a visão de Krenak (2020) de que o bem viver indígena se baseia na interdependência entre seres humanos e natureza, princípio evidenciado nas reflexões e produções dos estudantes.

O engajamento dos participantes e a qualidade das produções revelam que a literatura indígena pode ser um canal de diálogo sobre problemas globais, como a degradação ambiental e as mudanças climáticas, ancorado em saberes tradicionais. Tal resultado se aproxima das contribuições de Saavedra (2022) e Morton (2023), que alertam para a urgência de repensar práticas civilizatórias e reconhecem na arte e na palavra caminhos para a sensibilização e a transformação social. Assim, este estudo pode ser o início de uma pesquisa que tem potencial de abranger outras áreas do conhecimento, sendo levada para outros contextos.

No contexto escolar, a experiência relatada demonstra que o trabalho com narrativas e poéticas indígenas atende às orientações da BNCC (Brasil, 2018), especialmente no que tange à valorização da diversidade cultural e à formação de leitores críticos. A articulação entre literatura, identidade e meio ambiente se mostrou particularmente eficaz para ampliar a visão de mundo dos estudantes, estimulando-os a relacionar o conteúdo estudado com ações concretas em prol da sustentabilidade e da preservação cultural.

Entretanto, reconhece-se que esta investigação esteve circunscrita a uma realidade escolar específica e a um conjunto limitado de textos e práticas, o que sugere a necessidade de aprofundar estudos em outros contextos, com diferentes faixas etárias e gêneros literários. Futuras pesquisas podem explorar, por exemplo, o impacto da literatura indígena na construção de competências socioemocionais, ou mesmo compará-la com outras expressões artísticas na abordagem de temas socioambientais. Além disso, investigações de longa duração podem permitir avaliar a permanência dos efeitos formativos observados, verificando se a sensibilização provocada pela experiência se traduz em mudanças efetivas de atitude no cotidiano dos estudantes.

A análise dos resultados aponta que a literatura indígena não apenas enriquece o repertório cultural e linguístico dos alunos, mas também se constitui como estratégia pedagógica potente para conectar escola, comunidade e meio ambiente, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a preservação da vida e da diversidade cultural.

5. Conclusão

O presente estudo buscou incentivar a leitura literária a partir de textos de autoria indígena, conduzindo os estudantes à reflexão sobre problemáticas contemporâneas que envolvem a relação entre as ações humanas e o meio ambiente, especialmente no contexto do Antropoceno. Ao evidenciar a perspectiva dos povos originários, a literatura amazônica se mostra como instrumento potente na formação de leitores críticos, capazes de interpretar a realidade e intervir de forma consciente em seu meio.

Ao inserir a voz de autores indígenas no espaço escolar, rompe-se com a lógica de silenciamento histórico e amplia-se a representatividade no currículo, permitindo que estudantes reconheçam a legitimidade de narrativas que dialogam com suas próprias vivências. Nesse sentido, a inclusão sistemática dessa produção literária em sala de aula não apenas ajuda a enriquecer o repertório cultural, mas também fortalece a capacidade dos jovens de atuar como agentes de transformação social, articulando saberes tradicionais e contemporâneos em resistência ao discurso dominante.

Assim, a experiência aqui relatada evidencia que a literatura indígena amazônica, ao transitar entre a memória ancestral e os desafios socioambientais atuais, é capaz de promover não apenas o gosto pela leitura, mas também a formação de sujeitos conscientes de seu papel na preservação do meio ambiente e na valorização das culturas originárias.

Financiamento: Esta pesquisa não recebeu financiamento externo.

Conflitos de interesse: Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Referências

- Brasil. (2018). *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. MEC/SEB/CNE. Recuperado em 2 fev. 2022, de <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dezsitesite.pdf>
- Candido, A. (2006). *Literatura e sociedade* (9ª ed.). Ouro sobre Azul.
- Cosson, R. (2021). *Círculos de leitura e letramento literário*. Contexto.
- Cosson, R. (2021). *Paradigmas do ensino da literatura*. Contexto.
- Kambeba, M. W. (2020a). O olhar da palavra: escrita de resistência. In J. Dorrico, F. Danner & L. F. Danner (Org.), *Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo* (pp. 89-98). Editora Fi.
- Kambeba, M. W. (2020b). *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade* (2ª ed.). Jandaíra.
- Krenak, A. (2020). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Larrosa, J. (2022). *Tremores: escritos sobre experiência*. Autêntica.
- Morton, T. (2023). *Ser ecológico*. Quinta Editora.

- Petit, M. (2013). *Leitura: do espaço íntimo ao espaço público*. Editora 34.
- Petit, M. (2019). *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. Editora 34.
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2ª ed.). Feevale.
- Rondônia. (2021). *Referencial Curricular para o Ensino Médio de Rondônia*. SEDUC - Porto Velho. Recuperado em 14 set. 2023, de https://rondonia.ro.gov.br/wp-content/uploads/2022/07/RCEM-RO-Revisado-Comissao-NEM-com-capa_compressed.pdf
- Saavedra, C. (2022). *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*. Relicário.